



ARTIGO| Dossiê Patologias Sociais e Interfaces com a Educação

Educação em Zonas de Crise: Confrontando Patologias Sociais através da Resiliência Pedagógica

Education in Crisis Zones: Confronting Social Pathologies through Pedagogical Resilience

Educación en Zonas de Crisis: Confrontando Patologías Sociales a través de la Resiliencia Pedagógica

Alexandre Junior de Souza Menezes
 Mário de Miranda Vilas Boas Ramos Leitão
 Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

RESUMO

Este estudo investiga a resiliência educacional em contextos de crise, centrando-se em professores das periferias urbanas. A pesquisa examina como esses educadores ajustam suas práticas pedagógicas e desenvolvem sua identidade territorial diante de desafios como a territorialização e adversidades sociais. Com uma metodologia qualitativa a análise baseia-se em narrativas (auto)biográficas e diários de campo, revelando como os professores moldam a cidadania e a identidade em ambientes desafiadores. Os achados ilustram a interação entre educação, crise social e resiliência comunitária, enfatizando a necessidade de práticas educacionais adaptativas.

Palavras-chave: práticas pedagógicas adaptativas; identidade territorial; resiliência comunitária; desafios sociais

ABSTRACT

This study investigates educational resilience in crisis contexts, focusing on teachers from urban peripheries. The research examines how these educators adjust their pedagogical practices and develop their territorial identity in the face of challenges such as territorialization and social adversities. Using a qualitative methodology, the analysis is based on (auto)biographical narratives and field diaries, revealing how teachers shape citizenship and identity in challenging environments. The findings illustrate the interaction between education, social crisis, and community resilience, emphasizing the need for adaptive educational practices.

Keywords: adaptive pedagogical practices; territorial identity; community resilience; social challenges

RESUMEN

Este estudio investiga la resiliencia educativa en contextos de crisis, centrado en profesores de periferias urbanas. La investigación examina cómo estos educadores ajustan sus prácticas pedagógicas y desarrollan su identidad territorial ante desafíos como la territorialización y adversidades sociales. Con una metodología cualitativa, el análisis se basa en narrativas (auto)biográficas y diarios de campo, revelando cómo los profesores moldean la ciudadanía y la identidad en entornos desafiantes. Los hallazgos ilustran la interacción entre educación, crisis social y resiliencia comunitaria, enfatizando la necesidad de prácticas educativas adaptativas.

Palabras-clave: prácticas pedagógicas adaptativas; identidad territorial; resiliencia comunitaria; desafíos Sociales

Introdução

As populações afro-ibéricas e indígenas, que historicamente desempenharam um papel central na formação social e cultural do Brasil, permanecem até hoje concentradas, em grande parte, nas periferias urbanas. Esses territórios, marcados por vulnerabilidades sociais e econômicas, refletem as consequências de processos históricos de exclusão e marginalização. Desde o período colonial, africanos escravizados e comunidades indígenas foram deslocados de seus territórios e submetidos a estruturas sociais que perpetuaram desigualdades. Esse legado ainda se manifesta nas periferias, onde descendentes dessas populações enfrentam desafios como a segregação urbana, a precarização de serviços básicos e o acesso desigual à educação.

No entanto, essas mesmas comunidades também carregam uma riqueza cultural e histórica que resiste ao tempo, moldando identidades territoriais e oferecendo práticas e saberes capazes de transformar os espaços educacionais em ambientes mais inclusivos e empoderadores (Torres; Gomes, 2002 e 2008). É nesse contexto que se torna crucial explorar como as dinâmicas contemporâneas dessas periferias podem ser analisadas à luz de suas raízes afro-ibéricas e indígenas, iluminando tanto os desafios quanto as possibilidades de superação.

O presente estudo, desenvolvido no âmbito do programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, investiga as complexas relações entre educação, identidade territorial e patologias sociais em periferias urbanas. Intitulado "*Narrativas e memórias de professores em periferias urbanas*:

identidade territorial, cidadania e práticas pedagógicas frente aos desafios da territorialização", este trabalho busca compreender como fenômenos como violência, segregação e exclusão impactam a educação nesses territórios e como as escolas respondem a esses desafios.

A proposta está alinhada aos objetivos do Observatório de Patologias Sociais, que se dedica à análise crítica das condições sociais que dificultam a coesão comunitária e a justiça social. O conceito clínico de patologias sociais abrange não apenas a identificação e análise das condições ou do sofrimento social, mas também a elaboração de prognósticos e a implementação de intervenções terapêuticas. Esse enfoque busca desenvolver estratégias e soluções destinadas a aliviar ou reduzir as circunstâncias que geram sofrimento social, aqui entendido como dinâmicas que comprometem o desenvolvimento humano e coletivo, é essencial para compreender o papel da educação em contextos de vulnerabilidade (Menezes, 2023; Menezes; Leitão; Oliveira, 2023; Haesbaert, 2002). Além disso, este trabalho dialoga com o glossário proposto pelo Observatório, incluindo o conceito de "não-resiliência" (Boscato, 2021), que se refere aos limites das comunidades em superar adversidades devido a estruturas sociais desiguais.

As periferias urbanas, frequentemente descritas como cenários de crise e exclusão, oferecem uma lente privilegiada para investigar os processos de territorialização e suas implicações educativas. Segundo Norambuena (2021, p.28) [...] "periferia", por una parte se integra una limitación contextual intrínseca de la tradición occidental y su aparato teórico, al mismo tiempo que las reflexiones se van relevando desde sus propios espacios problemáticos. Essas áreas são marcadas por uma urbanização acelerada, que frequentemente resulta em segregação socioespacial e no crescimento de vulnerabilidades. Para além de instituições de ensino, as escolas em periferias urbanas desempenham funções sociais cruciais, atuando como espaços de resiliência comunitária e confronto das desigualdades.

Neste contexto, é necessário analisar as práticas pedagógicas e sua conexão com a identidade territorial e a cidadania. As escolas localizadas em periferias urbanas não apenas enfrentam os desafios da exclusão, mas também têm o potencial de fomentar a inclusão por meio de estratégias educativas adaptativas e culturalmente sensíveis (Rosa; Ferreira, 2013).

Contudo, tal potencial demanda uma reflexão crítica sobre o impacto das dinâmicas étnico-raciais e das heranças afro-ibéricas e ameríndias, aspectos ainda subexplorados nas análises educacionais desses territórios.

Ao dar voz aos educadores, este estudo pretende não apenas descrever as dificuldades enfrentadas, mas também identificar caminhos para práticas mais eficazes, capazes de mitigar os efeitos das patologias sociais. Além disso, a pesquisa dialoga com a crítica à urbanização desigual no Brasil, abordando as formas como essa dinâmica reflete e reforça desigualdades históricas.

Por fim, este trabalho visa contribuir para a formulação de políticas educacionais e sociais mais eficazes, capazes de reconhecer e valorizar as especificidades dos territórios rururbanos. Ao promover um diálogo com as publicações do Observatório de Patologias Sociais, espera-se oferecer uma análise robusta e relevante para o avanço do debate sobre vulnerabilidades e educação. Assim, reafirma-se o papel das escolas não apenas como reproduutoras de conhecimento, mas como agentes transformadores das realidades sociais adversas.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem metodológica qualitativa, baseada em pesquisa narrativa com foco em (auto)biografias (Melo; Flores, 2022; Furlanetto; Nunes; Gonçalves, 2023), para explorar as narrativas e memórias de professores que trabalham em escolas situadas nas periferias urbanas. A escolha desta abordagem possibilitou uma análise profunda das experiências pessoais e profissionais dos educadores, bem como das suas interações com o ambiente educacional e comunitário, revelando a complexidade de suas práticas pedagógicas e suas vidas dentro desses contextos desafiadores.

Para a coleta de dados, foram utilizadas duas ferramentas principais: o Memorial Narrativo dos Professores que permitiu que os professores expressassem suas experiências, percepções e reflexões de forma escrita, oferecendo uma visão íntima e pessoal das vivências dos docentes. Isso incluiu detalhes sobre a construção de suas identidades territoriais e o impacto de suas práticas pedagógicas e o Diário de Campo do Pesquisador que registrou observações, reflexões e análises durante as visitas às escolas e

encontros com os professores, captando a dinâmica dos contextos educacionais e as interações *in situ* (Menezes, 2023).

Os participantes deste estudo foram professores de escolas públicas localizadas nas periferias urbanas de Juazeiro, Bahia (IBGE, 2024), uma região que apresenta desafios socioeconômicos significativos e uma rica manifestação de diversas patologias sociais. Este *lócus* foi escolhido por ser um cenário ideal para investigar as interações entre educação e condições urbanas periféricas, destacando a relevância do estudo no contexto das dinâmicas educacionais em áreas marginalizadas.

A análise dos dados desta pesquisa, denominada "Análise de Codificação Temática", fundamentada na perspectiva da análise do conteúdo, com base em Bardin (1977) e Ferreira (2023), iniciou com a codificação inicial dos memoriais narrativos e dos diários de campo para identificar conceitos chave, temas e categorias emergentes. Esta etapa inicial foi crucial para organizar os códigos em categorias temáticas mais abrangentes que refletiam aspectos centrais das experiências dos professores, como identidade territorial, práticas pedagógicas e engajamento comunitário. Em seguida, essas categorias foram exploradas para entender as inter-relações e o contexto mais amplo das periferias urbanas. Utilizando a triangulação de múltiplas fontes de dados, os resultados foram validados e robustecidos, assegurando uma base sólida para as conclusões do estudo.

A comparação e o contraste entre diferentes fontes de dados corroboraram as descobertas, e os resultados foram sintetizados e discutidos em relação à literatura existente. Este processo meticoloso de coleta e análise de dados, através da Análise de Codificação Temática, proporcionou uma compreensão aprofundada das dinâmicas educacionais nas periferias urbanas. As descobertas enfatizaram a importância da voz dos professores como agentes transformadores e sugeriram implicações significativas para políticas e práticas educacionais, oferecendo diretrizes para fortalecer a educação em contextos desafiadores.

Resultados e discussões

Este estudo buscou explorar as narrativas e memórias de professores em escolas de periferias urbanas, com foco particular na identidade territorial, cidadania e práticas pedagógicas diante dos desafios e oportunidades que caracterizam esses ambientes. A abordagem metodológica adotada envolveu a coleta de dados qualitativos através de memoriais narrativos e diários de campo, que forammeticulosamente codificados e analisados para extrair temas e categorias emergentes.

Os memoriais narrativos foram uma parte importante da pesquisa, permitindo aos professores expressarem suas experiências de maneira mais ampla e profunda, uma vez que “Toda a narrativa de um acontecimento ou de uma vida é, por sua vez, um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social”. (Ferrarotti, 1988, p.27). Através da análise dos memoriais, foram identificados vários temas e padrões relacionados aos processos de desterritorialização e reterritorialização e suas implicações para a identidade territorial, cidadania e práticas pedagógicas em áreas periféricas.

O processo analítico revelou uma série de categorias significativas que ilustram as complexidades das experiências dos educadores em contextos periféricos. Entre essas categorias, destacaram-se: "Resiliência e Adaptação", refletindo a capacidade dos professores de ajustar suas práticas pedagógicas em resposta às adversidades; "Engajamento Comunitário", indicando o esforço dos educadores para integrar a comunidade no processo educativo e fortalecer laços comunitários; e "Construção da Identidade Territorial", que enfoca como os professores trabalham para desenvolver um senso de pertencimento e identidade entre os alunos em relação ao seu ambiente local.

A discussão dos resultados considerou as interações dessas categorias com o ambiente mais amplo das periferias urbanas, destacando como os professores não apenas respondem às condições socioeconômicas desafiadoras, mas também como utilizam suas práticas pedagógicas como ferramentas de empoderamento e transformação social. Este estudo evidencia a importância crucial da voz dos professores como agentes de mudança, sublinhando a necessidade de políticas educacionais que reconheçam e apoiem suas iniciativas inovadoras e contextualizadas.

Além disso, a análise reforçou a relevância de considerar as particularidades das periferias urbanas no desenvolvimento de estratégias

educacionais. Ao integrar a identidade territorial nas práticas pedagógicas, os educadores promovem uma educação mais inclusiva e relevante, que respeita e valoriza a diversidade cultural e social dos estudantes. As conclusões deste estudo sugerem que políticas educacionais eficazes devem ser sensíveis ao contexto específico das escolas em periferias urbanas, oferecendo suporte adequado para que os educadores possam realizar seu trabalho de forma eficaz e transformadora.

Perfil dos Participantes e Suas Implicações na Pesquisa

A caracterização dos participantes é um componente fundamental para entender o impacto das variáveis sociodemográficas no processo educacional. No contexto das periferias urbanas, essas variáveis não apenas fornecem uma visão detalhada do grupo estudado, mas também ajudam a refletir sobre como as condições socioeconômicas e culturais influenciam as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados pelos educadores. Ao observarmos o perfil dos educadores que participaram da pesquisa, fica claro que as trajetórias individuais não são apenas reflexos de suas escolhas acadêmicas e profissionais, mas também de suas vivências em ambientes marcados por desigualdades sociais, econômicas e culturais.

A diversidade de experiências entre os participantes – Ana, João, Maria, Carlos e Beatriz – serve como um microcosmo das complexas dinâmicas das periferias urbanas, onde as patologias sociais, como a violência, a exclusão e a segregação, se manifestam de formas distintas, mas igualmente impactantes. Cada um desses educadores, com suas bagagens pessoais e profissionais, enfrenta os desafios impostos por um sistema educacional desigual, onde a falta de recursos e infraestrutura se soma às questões de ordem social e cultural que afetam diretamente as comunidades periféricas.

A partir da análise desses perfis, podemos perceber como as patologias sociais influenciam tanto as condições de trabalho dos educadores quanto as práticas pedagógicas adotadas nas escolas. Ana, com sua experiência de 12 anos em escolas periféricas, exemplifica o modo como os professores precisam constantemente adaptar suas práticas pedagógicas às diversas realidades socioeconômicas de seus alunos, muitas vezes superando as

carências de infraestrutura e os desafios impostos pela violência nas comunidades. Da mesma forma, João, com sua formação em Ciências Sociais e envolvimento com movimentos sociais, reflete a importância da conscientização política e da valorização da diversidade cultural nas escolas, uma estratégia essencial para combater as desigualdades estruturais que permeiam essas regiões.

Maria, com sua experiência consolidada ao longo de décadas, traz para a pesquisa um olhar fundamentado na inclusão e transformação, revelando como a educação nas periferias deve ser compreendida não apenas como um espaço de ensino, mas também como um espaço de resistência e reconstrução social, enfrentando as patologias da exclusão social de forma crítica e construtiva. Carlos, por sua vez, com sua especialização em Educação Inclusiva e seu compromisso com práticas educacionais interdisciplinares, exemplifica a importância de estratégias pedagógicas que promovem a inclusão e a valorização cultural como ferramentas fundamentais para enfrentar a marginalização dessas comunidades.

Beatriz, apesar dos desafios significativos, como a escassez de recursos, representa o espírito resiliente de muitos educadores que, apesar das dificuldades estruturais, continuam a buscar uma educação que seja não apenas transmissora de conhecimento, mas também transformadora, promovendo cidadania e empoderamento para os alunos. A trajetória de Beatriz ilustra como a educação pode se tornar um antídoto poderoso contra as patologias sociais, ao promover a identidade territorial e o pertencimento de seus alunos, muitas vezes vítimas da violência e da segregação.

Assim, ao analisar os perfis dos participantes, observamos que, mais do que enfrentar as dificuldades advindas das patologias sociais, esses educadores se tornam agentes transformadores, utilizando a educação como uma ferramenta para resgatar e fortalecer a identidade e a cidadania de seus alunos. Esse processo, embora desafiador, aponta para a necessidade de intervenções pedagógicas que vão além do simples ensino acadêmico, propondo uma abordagem que considera as condições históricas, culturais e sociais de cada território e, assim, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Resiliência e Adaptação: Superando Desafios Sociais na Educação Periférica

Na educação de periferias urbanas, a resiliência e adaptação dos professores emergem como pilares fundamentais diante das patologias sociais que marcam estes territórios. Frequentemente, essas áreas são palco de desafios complexos, como violência, desigualdade socioeconômica, e insuficiência de recursos, que não só influenciam a dinâmica educacional, mas também impõem barreiras significativas ao aprendizado e ao desenvolvimento dos alunos.

Esses desafios não apenas afetam a dinâmica educacional, mas também impõem barreiras significativas ao desenvolvimento e aprendizado dos alunos. Segundo relatos de educadores como o professor João e a professora Ana, a violência se manifesta de várias formas na escola, desde bullying até agressões físicas e verbais, criando um ambiente de insegurança e tensão que prejudica diretamente a qualidade do ensino e o bem-estar dos estudantes. Segundo o professor João,

“A violência urbana é uma realidade presente em muitas suburbanas, o que gera múltiplos obstáculos para o contexto da educação. Na escola, a violência pode se manifestar de diversas formas, onde já tivemos diversos casos de violência, alunos que levaram armas brancas para escola, bullying até situações mais graves, como agressões físicas ou verbais. Essas situações geram um clima de insegurança e tensão que afetam diretamente a qualidade do ensino e o bem-estar dos alunos.” - Narrativa 1. Colaborando com a narrativa anterior, professora Ana colabora, dizendo que, “A agressividade e a delinquência na área geravam inquietação em mim, principalmente devido à possibilidade de alguns estudantes serem seduzidos pela vida ilícita como meio de fugir da miséria. Tal apreensão impulsionava-me a empenhar-me ainda mais intensamente para proporcionar chances de ensino e evolução capazes de criar caminhos rumo a um porvir mais auspicioso.” – Narrativa 2 (Menezes, 2023, p. 123)

Além disso, os professores são compelidos a desenvolver estratégias pedagógicas que vão além do currículo tradicional, ajustando-se para atender às realidades imediatas e contextuais de seus alunos. Eles são desafiados a ser criativos na superação da falta de materiais didáticos e infraestrutura, muitas vezes recorrendo a recursos comunitários ou alternativos para facilitar a

aprendizagem. Também trabalham para mitigar os impactos das patologias sociais no ambiente educativo, criando espaços seguros e acolhedores que promovem a inclusão e o desenvolvimento integral dos alunos. Conforme escreve Lopes (2006, p. 30):

[...] o currículo se tece em cada escola com a carga de seus participantes, que trazem para cada ação pedagógica de sua cultura e de sua memória de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive. É nessa grande rede cotidiana, formada de múltiplas redes de subjetividade, que cada um de nós traçamos nossas histórias de aluno/aluna e de professor/professora. O grande tapete que é o currículo de cada escola, também sabemos todos, nos enreda com os outros formando tramas diferentes e mais belas ou menos belas, de acordo com as relações culturais que mantemos e do tipo de memória que nós temos de escola.

No contexto das periferias urbanas, a capacidade de adaptação e resiliência dos educadores não apenas sustenta suas carreiras em ambientes desafiadores, mas também redefine o próprio currículo escolar. Lopes (2006) argumenta que o currículo é tecido diariamente nas escolas, entrelaçado pelas experiências culturais e memórias dos participantes. Esse processo cria um "grande tapete" de práticas pedagógicas que reflete as interações culturais e as histórias individuais dos educadores e estudantes.

Nestas escolas, cada ação pedagógica carrega consigo fragmentos da cultura e memória de cada participante, formando uma malha de experiências que não só educam, mas também transformam. Os professores das periferias urbanas, enfrentando adversidades como violência e escassez de recursos, utilizam suas experiências pessoais para moldar um currículo que não é apenas acadêmico, mas também profundamente enraizado em suas comunidades. Esta abordagem não só enriquece o ensino, mas também fortalece os estudantes como cidadãos ativos, capacitando-os a compreender e melhorar suas próprias realidades.

Portanto, a resiliência e a adaptação não são apenas mecanismos de sobrevivência; são catalisadores para um currículo dinâmico que transcende os conteúdos tradicionais. Ao transformar desafios em oportunidades pedagógicas, os educadores criam condições para que o ensino seja um vetor de empoderamento e transformação social. Isso evidencia a importância de valorizar e apoiar os educadores em sua missão de tecer currículos que não

apenas informam, mas também formam as bases para uma sociedade mais justa e consciente.

Engajamento Comunitário: Fortalecendo Laços para a Transformação Educacional em Periferias Urbanas

O engajamento comunitário desempenha um papel vital na educação em periferias urbanas, onde as patologias sociais como pobreza, desigualdade e isolamento podem impactar significativamente o desenvolvimento educacional e social dos alunos. Professores nessas áreas, conscientes das limitações e dos desafios enfrentados por suas comunidades, adotam práticas pedagógicas que transcendem os limites tradicionais da sala de aula para envolver ativamente pais, famílias e organizações locais no processo educacional.

Essa integração comunitária não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também promove uma base de suporte robusta que é crucial para o sucesso educacional em ambientes adversos. Esta abordagem pode ser refletida nas palavras da professora Beatriz e professor Carlos, quando diz,

"Em minha caminhada profissional como professora em um bairro periférico, enfrentei inúmeros desafios que me tornaram mais resiliente e comprometida com a educação. Assim como muitos colegas, a falta de recursos, a violência e a desigualdade social são apenas algumas das barreiras que impactam diretamente o processo educacional nesses contextos." Professora Beatriz – narrativa 1 (Menezes, 2023, p. 143). "A valorização da diversidade cultural e a aproximação com a comunidade local são aspectos fundamentais para a edificação de uma educação mais inclusiva e cidadã. Ao promover a integração e o engajamento dos pais e familiares dos alunos, é possível construir uma escola mais participativa e democrática, onde a diversidade é valorizada e as diferenças são respeitadas.[...] Professor Carlos – narrativa 1(Menezes, 2023, p. 138).

O engajamento comunitário é crucial na educação de periferias urbanas, onde desafios como pobreza, desigualdade e isolamento social impactam profundamente o desenvolvimento educacional e social dos alunos. Professores nessas regiões, como Beatriz e Carlos, enfrentam essas adversidades com uma determinação que vai além das fronteiras tradicionais

da sala de aula. Beatriz, por exemplo, relata que "a falta de recursos, a violência e a desigualdade social são apenas algumas das barreiras que impactam diretamente o processo educacional nesses contextos" (Menezes, 2023, p. 143). Essa realidade impulsiona os educadores a adotarem práticas pedagógicas que incorporam a comunidade, não apenas como suporte, mas como parte ativa no processo educativo.

Ao cultivar parcerias com atores comunitários e implementar projetos que conectam o currículo escolar às necessidades e recursos locais, os educadores ajudam a construir um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada entre os alunos e a comunidade mais ampla. Iniciativas como hortas escolares, projetos de arte comunitária e programas de tutoria liderados por membros da comunidade não só facilitam o engajamento ativo dos alunos, mas também transformam a escola em um centro de atividade comunitária, promovendo a educação como um pilar de desenvolvimento comunitário.

De acordo com José Romão e Paulo Padilha (1997, p.85),

[...] que planejar a escola de forma socializada é exercitar a cidadania, pois implica a tomada de decisões, em envolvimento com as ações do cotidiano escolar e em avaliações dos serviços prestados à população, o planejamento deve começar pela inserção de toda a sociedade no debate democrático sobre as questões relativas não só ao processo de ensino aprendizagem, mas também em relação às questões administrativas e financeiras da escola e às questões da própria sociedade em que ela se insere, considerando sempre os condicionantes socioculturais e políticos que influenciam e afetam diretamente o cotidiano escolar.

Integrando a escola ao tecido comunitário, os educadores transformam o espaço educacional em um centro de atividades comunitárias, como hortas escolares e projetos de arte, que não apenas engajam os estudantes mas também os preparam para atuar ativamente na melhoria de suas comunidades. Segundo Romão e Padilha, esse planejamento colaborativo e socializado da educação é um exercício de cidadania que envolve a comunidade nas decisões e ações da escola, reforçando o impacto educacional e social.

Este modelo colaborativo de educação aborda diretamente as patologias sociais, proporcionando aos estudantes oportunidades para aplicar habilidades em contextos reais, fortalecendo-os como agentes de mudança. Assim, o engajamento comunitário é mais que um complemento à educação; é uma

estratégia essencial que ancora a escola na realidade dos alunos e potencializa a transformação social, tornando a educação uma força poderosa para o desenvolvimento comunitário sustentável.

Construção da Identidade Territorial: Educando com consciência do espaço

A identidade, sob essa ótica, é definida como “[...] o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”, podendo haver “múltiplas identidades para determinado indivíduo ou ator coletivo” (CASTELLS, 2018, p. 54).

Segundo a perspectiva de Castells, a identidade é crucial ao abordar a construção da identidade territorial em áreas periféricas urbanas, onde as práticas pedagógicas se dedicam a desenvolver um senso de localidade e pertencimento nos alunos. Esta abordagem é análoga à concepção de "genius loci" descrita por Artusi, definida como "o conjunto único de características físicas, mensagens culturais e sensações emotivas que conferem a um lugar sua identidade distinta, diferenciando-o de todos os outros" (ARTUSI, 1996, p.3).

Professores que atuam em contextos periféricos enfrentam o desafio de conectar os conteúdos educacionais à realidade dos estudantes, muitos dos quais vivenciam processos de desterritorialização e reterritorialização ao migrarem do campo para a cidade. Esse desafio ganha ainda mais relevância em ambientes afetados por patologias sociais, como segregação espacial e exclusão social, posicionando a escola como um ponto crucial de ancoragem e resistência cultural. Um exemplo disto, é o modo que as professoras Beatriz e Ana, lida com isto, ao dizer,

“[...]vi que era necessário que as minhas práticas pedagógicas tinhham que promover uma reflexão crítica, diálogo e o respeito à diversidade cultural.[...] Para tal, desenvolvi práticas pedagógicas que estimulam a reflexão crítica dos alunos sobre a realidade em que vivem, promovendo o diálogo e o respeito à diversidade cultural. Por meio de debates, dinâmicas e atividades que valorizam a participação ativa dos alunos, os estudantes puderam compreender melhor as complexidades e desafios presentes em sua comunidade.” Professora Beatriz – narrativa 2 (Menezes, 2023, p. 154). “Com isso, pude perceber

que a identidade territorial é um elemento fundamental para a construção de uma educação mais inclusiva e democrática. A partir da valorização das memórias e narrativas locais, é possível criar uma identidade coletiva forte e capaz de superar os desafios impostos pela realidade periférica.” Professora Ana – Narrativa 1(Menezes, 2023, p. 127).

As narrativas de Professora Beatriz e Professora Ana revelam um entendimento profundo da necessidade de práticas pedagógicas que não apenas ensinem conteúdo acadêmico, mas que também promovam a conscientização e valorização da identidade territorial e cultural dos alunos. Este enfoque é vital em contextos em que as desigualdades e as patologias sociais tendem a marginalizar comunidades inteiras, relegando suas histórias e culturas a um plano secundário.

Ao transcender os métodos tradicionais e incorporar elementos da história e cultura local no currículo, os educadores podem ajudar os alunos a reconhecerem a riqueza de suas próprias tradições e o valor de suas experiências vividas. Esta abordagem não só fortalece a identidade comunitária, como também fomenta um sentimento de pertença e responsabilidade social entre os jovens. A educação, portanto, se torna um ato de reivindicação de espaço e voz para esses estudantes, permitindo-lhes redefinir narrativas estigmatizadas e construir futuros mais promissores.

Mais profundamente, ao integrar a identidade territorial na prática pedagógica, os educadores desempenham um papel fundamental na reconstrução do tecido social das periferias urbanas. A escola, como epicentro comunitário, torna-se um espaço de resistência cultural e de promoção da cidadania ativa. Os alunos, ao compreenderem e valorizarem suas origens e a riqueza de suas comunidades, são equipados não apenas com conhecimento, mas com um senso de agência que os capacita a influenciar e transformar positivamente suas realidades. Assim, a educação vai além da sala de aula, transformando-se em uma ferramenta poderosa de mudança social e empoderamento comunitário.

Além disso, ao enfatizar a construção da identidade territorial, os professores promovem uma educação que transcende o conhecimento acadêmico para incluir o aprendizado sobre direitos civis, políticos e sociais. Isso prepara os alunos não apenas para serem cidadãos informados e ativos,

mas também para serem defensores de suas comunidades. Portanto, a construção da identidade territorial não só responde às necessidades educacionais imediatas dos alunos, mas também semeia as bases para um envolvimento comunitário e cívico mais profundo, “essencial para enfrentar e superar as desigualdades socioespaciais persistentes” nas periferias urbanas (Turco, 2003b, p.23).

Promoção da Cidadania através da Educação

No contexto das periferias urbanas, onde as patologias sociais e a desigualdade moldam profundamente a experiência educacional, o papel dos educadores expande-se para além da sala de aula, englobando a promoção ativa da cidadania entre seus alunos. Este tópico aborda como a educação pode ser uma poderosa plataforma para o desenvolvimento comunitário e transformação social, transcendendo a mera transmissão de conhecimento formal para incutir uma consciência crítica sobre questões sociais, políticas e culturais.

Educadores comprometidos, como ilustrado nas narrativas, não apenas ensinam o currículo padrão, mas também impulsionam seus alunos a questionar e entender as complexidades de sua própria existência e a do mundo ao redor. A narrativa do professor João, é um exemplo deste processo de reflexão, quando ele diz,

[...] Ao analisar e refletir sobre a desterritorialização que ocorre em nossa região, percebi que está ligada a diversos fatores sociais, políticos e geográficos, como a expansão urbana, a construção de grandes empreendimentos e a migração de pessoas de outras localidades em busca de melhores condições de vida. Esses processos geraram um deslocamento forçado de famílias e a desestruturação de suas redes de apoio, afetando diretamente a vida dos estudantes. Trabalhar com os alunos nesse contexto tem sido um desafio constante, pois muitos deles enfrentam dificuldades emocionais, financeiras e de adaptação às mudanças.” Professor João – Narrativa 3 (Menezes, 2023, p. 127). “Para me aproximar dos alunos e compreender melhor suas realidades, passei a visitar as comunidades rurais de onde vinham e a 115 conversar com suas famílias. Essas comunidades estavam presentes no meu passado um pouco distante, forte na lembrança dos meus pais e familiares. Essa experiência de revisitar e conhecer a antigas realidades dos meus alunos, me permitiu entender suas origens, tradições e valores, o que me ajudou a reajustar minha

metodologia de ensino e a torná-la mais relevante e inclusiva.”¹⁶ Professor João – Narrativa 2 (Menezes, 2023, p. 114 - 115)

As narrativas dos educadores, como exemplificado pelo Professor João, demonstram um compromisso profundo com a educação que vai além do ensino tradicional. Eles encorajam os alunos a refletirem criticamente sobre as realidades sociais, políticas e geográficas que moldam suas vidas, como a desterritorialização causada por fatores como a expansão urbana e a migração.

Este engajamento profundo com o contexto dos alunos não só destaca as conexões entre o currículo e as realidades vividas, mas também auxilia os estudantes a enfrentarem suas adversidades, promovendo um aprendizado que é relevante e transformador. Além disso, ao integrar projetos como hortas escolares que vinculam educação e ação comunitária, os educadores reforçam a ideia de que a escola pode ser um epicentro de mudança social, cultivando nos alunos não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também uma consciência cidadã ativa que os prepara para contribuir positivamente para suas comunidades.

Tais práticas pedagógicas não só fortalecem o tecido social, mas também permitem aos alunos aplicarem seus conhecimentos de forma significativa, tornando-se participantes ativos e conscientes em suas comunidades. Este envolvimento direto com a realidade local não só ajuda na construção de uma identidade territorial positiva, como também prepara os alunos para enfrentarem e transformarem as adversidades de suas próprias realidades. Portanto, a educação em periferias urbanas, guiada por uma robusta noção de cidadania e engajamento comunitário, é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Considerações finais

Este estudo proporcionou uma análise aprofundada das experiências e perspectivas dos educadores nas periferias urbanas, destacando como eles enfrentam e contribuem para a construção da identidade territorial, o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e a promoção da cidadania em um contexto de desigualdades sociais. Ao abordar as realidades

complexas dessas comunidades, evidenciamos a forma como as patologias sociais, como violência, segregação e exclusão, moldam as práticas educativas e a vivência dos educadores.

Os resultados mostram que, apesar dos desafios impostos pelas condições socioeconômicas, as escolas periféricas emergem como espaços de resistência e ressignificação. Nessas escolas, o combate às patologias sociais se dá através de práticas pedagógicas inclusivas que reconhecem e valorizam a diversidade cultural dos alunos, integrando saberes históricos e contemporâneos, e promovendo a construção de uma identidade territorial fortalecida. Além disso, a resiliência dessas escolas se articula com a capacidade da comunidade de mobilizar seus recursos e transformar os desafios em oportunidades para o fortalecimento social e cultural.

Contudo, o estudo também revela as limitações de sua abordagem, especialmente no que diz respeito à concentração geográfica na cidade de Juazeiro (BA), o que restringe a generalização dos resultados para outras regiões. A metodologia de análise de conteúdo, embora rica, ainda carece de uma explicitação mais detalhada dos processos de investigação e das hipóteses testadas. Além disso, a ausência de uma conexão mais clara com as produções do Observatório de Patologias Sociais, especialmente em relação à terminologia e conceitos de não-resiliência e vulnerabilidade, limita a profundidade da discussão sobre essas patologias nas periferias urbanas.

A pesquisa também aponta para a necessidade urgente de políticas educacionais adaptadas às especificidades das periferias urbanas, que reconheçam as características únicas desses territórios e enfrentem as desigualdades estruturais presentes. Tais políticas devem, portanto, integrar uma abordagem contextualizada, que valorize a herança histórica afro-ibérica e indígena, promovendo uma educação que respeite e celebre a diversidade cultural. Investimentos substanciais em infraestrutura e acesso a tecnologias educacionais são essenciais para superar as barreiras que limitam o potencial dessas escolas, garantindo ambientes de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento integral dos alunos.

Além disso, a valorização do engajamento comunitário é uma estratégia central para o fortalecimento da identidade territorial. As escolas devem atuar como centros de articulação comunitária, onde educadores, alunos e familiares

possam se unir em torno de iniciativas que promovam o bem-estar coletivo e a justiça social. Para isso, a formação contínua dos educadores é essencial, oferecendo-lhes ferramentas para lidar com os desafios da sala de aula e preservar seu bem-estar psicológico.

Por fim, espera-se que este estudo inspire uma reflexão mais profunda sobre como as práticas pedagógicas, adaptadas às realidades locais, podem ser um motor de transformação social. O fortalecimento de políticas educacionais baseadas em uma compreensão mais abrangente das patologias sociais, da vulnerabilidade e das dinâmicas culturais presentes nas periferias urbanas é crucial para reduzir as desigualdades educacionais e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

Referências

- ARTUSI, Giuseppe. Senso del luogo e radicamento nella rappresentazione cinematografica, in: **Geografia nelle Scuole**, Trieste, 1996, pp. 3-10.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOSCATO, Noéli. No Resiliencia. In: **GLOSARIO DE PATOLOGÍAS SOCIALES** [recurso eletrônico]. Organizadores: Jovino Pizzi e Maximiliano Sérgio Cenci. Pelotas: Ed. UFPel, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade - a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, António; Finger, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- FERREIRA, Sílvia. A análise de conteúdo: um método para a análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. I.], v. 11, n. 26, p. 202–224, 2023. DOI: 10.33361/RPQ.2023.v.11.n.26.502. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/502>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- FURLANETTO, Ecleide Cunico; NUNES, Cristiane Nobre; GONÇALVES, Ivanice Nogueira de Carvalho. PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: UMA ANÁLISE SOBRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. I.], v. 15, n. 33, p. 75–88, 2023. DOI: 10.31639/rbpfp.v15i33.698. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/698>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- HAESBAERT, Rogerio. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. Texto mimeo., 2002. 17 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Juazeiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/juazeiro.html>. Acesso em: 30 jun. 2024.

LOPES, Alice Cassimiro. Pensamento e política curricular – entrevista com William Pinar. In: **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006.

MELO, Alessandro de; FLORES, José Ignacio Rivas (orgs.). **Pesquisa narrativa: teoria, práticas e transformação educativa**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022. 263 p.

MENEZES, Alexandre Junior de Souza. **Narrativas e memórias de professores em periferias urbanas**: identidade territorial, cidadania e práticas pedagógicas frente aos desafios da territorialização. Tese (Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro, Juazeiro – BA, 2023.

MENEZES, Alexandre Junior de Souza; LEITÃO, Mario de Miranda Vilas Boas. Ramos; OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro de. **GLOBALIZAÇÃO E CURRÍCULO ESCOLAR: Tendências, Desafios e Oportunidades**. Revista **Espaço do Currículo**, [S. I.], v. 16, n. 3, p. 1–18, 2023. DOI: 10.15687/rec.v16i3.65878. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/65878>. Acesso em: 11 jan. 2024.

NORAMBUENA, Cristián Valdés. Dolor Social Crónico. In: **GLOSARIO DE PATOLOGÍAS SOCIALES** [recurso eletrônico]. Organizadores: Jovino Pizzi e Maximiliano Sérgio Cenci. Pelotas: Ed. UFPel, 2021.

ROMÃO, José e PADILHA, Paulo. Planejamento Socializado Ascendente na Escola. In: GADOTI, Moacir e ROMÃO, José E. (org.). **Autonomia da Escola: princípios e propostas**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 1997.

ROSA, Lucelina Rossetti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo e cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

TORRES, Haroldo da Gama; GOMES, Sandra. Desigualdade Educacional e Segregação Social. In: **Novos Estudos Cebrap**, 64. Dossiê Espaço, Política e Políticas na Metrópole Paulistana, 2002, pp.132-40.

TORRES, Haroldo da Gama. et al. Educação na periferia de São Paulo: ou como pensar as desigualdades educacionais? In: RIBEIRO, L.C.Q.; KAZTMAN, R. (Ed.). **A cidade contra a escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

TURCO, Angelo., Sociotopie: istituzioni postmoderne della soggettività, in Giuseppe Dematteis e Fiorenzo Ferlaino (a cura di), **Il mondo e i luoghi: geografie dell'identità e del cambiamento**, Torino, IRES Piemonte, 2003, pp. 21-31.

Recebido em: 01/07/2024.
Aceito em: 15/02/2025.

Alexandre Junior de Souza Menezes

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco, graduação em Segunda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Ibra de Brasília, mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia e doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente professor Auxiliar no colegiado de Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco.

 alexandre.juniorsouza@upe.br

 <http://lattes.cnpq.br/8868298636511416>

 <https://orcid.org/0000-0002-7420-8387>

Mário de Miranda Vilas Boas Ramos Leitão

Graduado em Meteorologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde também concluiu seu mestrado na mesma área. Seu doutorado foi obtido no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), onde realizou um estudo pioneiro sobre radiação solar na Amazônia. Ao longo de sua carreira acadêmica e profissional, atuou como técnico, pesquisador e professor, contribuindo significativamente para a meteorologia no Brasil. Iniciou sua jornada acadêmica como docente na UFPB em 1982 e, após a criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em 2002, transferiu-se para essa instituição até se aposentar em 2004. Posteriormente, ingressou na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), onde foi fundador e primeiro Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação.

 mario.miranda@univasf.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/7305189524186801>

 <https://orcid.org/0000-0003-0179-0115>

Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira

Pedagoga, Mestra em Desenvolvimento Regional, Doutora em Desenvolvimento sócioambiental pela Universidade Federal do Pará (2005). É Professora Titular da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVAF), atuando no Mestrado Interdisciplinar Extensão Rural e no Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. Atualmente exerce o cargo de Vice-reitora da UNIVAF no mandato 2023-2027.

Educação em Zonas de Crise: Confrontando Patologias Sociais através da Resiliência
Pedagógica

Exerceu o cargo de Pró-Reitora de Extensão de 2011 até 2022 da UNIVASF, gerenciando inúmeros projetos de desenvolvimento nas áreas de abrangência da UNIVASF. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente na educação do campo, bem como nas áreas de desenvolvimento sustentável e desenvolvimento territorial.

 lucia.oliveira@univasf.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/9814539262982598>

 <https://orcid.org/0000-0002-0588-1797>